

Sistemas de saúde em situação de violência e conflito: impacto e respostas

Health Systems in Situations of Violence and Conflict: Impacts and Responses

Les systèmes de santé en situation de violence et de conflit : impacts et réponses

Paula Fortunato¹, Paulo Ferrinho² , Marta Pingarilho¹ , Sofia Gonçalves Seabra¹ , Filomeno Fortes³ 

(1) Editora Assistente dos ANAIS do IHMT.

(2) Editor Principal dos ANAIS do IHMT.

(3) Editor-Chefe dos ANAIS do IHMT.

Este número dos *Anais do IHMT* inicia-se com um dossier temático dedicado aos sistemas de saúde em situação de violência e conflito, coordenado por André Beja. O editorial convidado que acompanha esta primeira parte enquadra os diferentes contributos a partir de uma compreensão alargada das relações entre violência, conflito, movimentos migratórios, saúde e organização social, convocando experiências e contextos geográficos diversos - da Europa de Leste à África Austral, das fronteiras europeias à realidade brasileira - e refletindo sobre a atuação de uma pluralidade de atores, desde sistemas nacionais de saúde e serviços de emergência a organizações humanitárias e redes intersectoriais de proteção e cuidado, sublinhando a diversidade de impactos e de respostas que estes fenómenos suscitam nas instituições e nas sociedades contemporâneas.

A segunda parte deste volume dirige o olhar para alguns dos desafios estruturais que marcam a Saúde Global contemporânea e que condicionam a capacidade dos sistemas de saúde para responder, não apenas às crises, mas também às exigências crescentes das sociedades atuais.

A Sessão Solene, dedicada ao tema “Increasing capacity and retention of the global health workforce”, da autoria de Luís Gomes Sambo, coloca no centro da reflexão uma das questões mais decisivas para o futuro dos sistemas de saúde: a capacidade de formar, fixar e valorizar profissionais qualificados. Não existem sistemas de saúde sem recursos humanos preparados, motivados e distribuídos de forma equitativa. Só com médicos e outros profissionais de saúde em quantidade suficiente e devidamente qualificados é que conseguiremos responder eficazmente aos desafios do envelhecimento populacional, das doenças emergentes e reemergentes, das crises humanitárias ou das crescentes

expectativas e necessidades em saúde das sociedades contemporâneas.

Num outro plano, a reflexão sobre a inteligência artificial e a cooperação lusófona evidencia como a revolução digital está a transformar profundamente os sistemas de saúde, como demonstrado no artigo “Inteligência artificial, saúde global e cooperação lusófona: reflexões a partir de um webinar internacional” da autoria de Lêda Lúcia Couto de Vasconcelos, Regina Bernal, Leonardo Lemos Pena, Maria do Rosário Oliveira Martins e Deborah Carvalho Malta. Este artigo resume o webinar realizado nos dias 11, 12 e 13 de novembro de 2025, organizado no âmbito de uma parceria entre a Universidade Federal de Minas Gerais, através da Escola de Enfermagem e a Universidade Nova de Lisboa, através do Instituto de Higiene e Medicina Tropical - IHMT. As oportunidades sem precedentes que a IA apresenta para melhorar o ensino, a vigilância epidemiológica e a investigação, apoiar a decisão clínica e fortalecer a gestão dos serviços exigem novos referenciais éticos, mecanismos de governação e formas renovadas de cooperação internacional. Estes aspetos são analisados no espaço da lusofonia, onde persistem importantes desafios em matéria de capacitação científica, tecnológica e de bioética.

Também no contexto da evolução tecnológica, da cooperação e numa perspetiva de governação, o artigo de autoria de Felipe Ferré, “Transformação digital e sustentabilidade do Sistema Único de Saúde: Cuidado Direcionado por Dados, valor e cooperação em saúde”, analisa a evolução da infraestrutura do Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro e a sua relação com a sustentabilidade, a coordenação dos cuidados e a transição para modelos de gestão orientados por dados e valor. No manuscrito os autores identificam

necessidades, como sejam a institucionalização da transformação digital, o fortalecimento de núcleos de inteligência de dados que permitam gestão de crises, bem como a ampliação da cooperação internacional na transformação digital, em particular na comunidade de Estados lusófonos.

Ainda num plano diretamente relacionado com a governação, o artigo sobre os Centros de Inteligência Estratégica - “Centros de Inteligência Estratégica da Gestão Estadual do SUS (CIEGES/CONASS): relato de experiência sobre modelo em rede, painéis hierarquizados e governança de dados para fortalecer a tomada de decisão no Sistema Único de Saúde” no Brasil de Sandro Terabe, Juliane Alves e Marcus Vinicius de Carvalho - demonstra que a qualidade dos sistemas de saúde depende, cada vez mais, da capacidade de produzir conhecimento útil para a decisão e fortalecimento da gestão, de desenvolver modelos de governação baseados em evidência e, sem dúvida, da qualidade e eficácia da comunicação pública dessa mesma evidência, fatores particularmente desafiantes em ambientes de maior incerteza.

O artigo “O Labirinto da Gestão Pública da Saúde, em Portugal” da autoria de Jorge Simões e Mariana Mota Torres revisita a evolução dos modelos de gestão dos hospitais públicos em Portugal, discutindo os desafios da conciliação entre os princípios da administração pública e as exigências de eficiência, flexibilidade e capacidade de resposta dos sistemas de saúde contemporâneos.

No artigo “Entre a rota do Oriente e a medicina tropical: a Ilha de Moçambique como porta de entrada da medicina europeia no Oceano Índico (1498–1898)” João Schwalbach evidencia o papel histórico da Ilha de Moçambique como espaço privilegiado de encontro entre diferentes tradições médicas (europeias, africanas e asiáticas) e como porta de entrada da medicina europeia no Oceano Índico, durante o período colonial. Este trabalho evidencia como os processos históricos de circulação de pessoas, conhecimentos e práticas médicas moldaram profundamente os sistemas de saúde atuais, reforçando a importância da história para compreender os desafios presentes da Saúde Global. Num registo histórico e institucional mais amplo, o artigo “Os Cavaleiros Templários da Idade Média à Contemporaneidade: Continuidade Histórica, Ressignificação Simbólica e a Atuação Internacional da Ordem Suprema Militar do Templo de Jerusalém (OSMTH)” da autoria de Fernando Passos Cupertino de Barros e Heitor Rosa demonstra como o legado histórico dos

Templários se prolonga atualmente através da Ordem Suprema Militar do Templo de Jerusalém, cuja ação humanitária e solidária mantém vivo esse património institucional e simbólico.

Entre 1985 e 1992, a township de Alexandra (Alex), em Joanesburgo, emergiu como um dos focos mais paradigmáticos de resistência ao regime do apartheid na África do Sul. Situada imediatamente adjacente a Sandton, um dos subúrbios mais ricos do país, Alexandra corporiza de forma particularmente expressiva o contínuo entre violência direta e violência estrutural que atravessa muitas das reflexões reunidas neste volume: uma das áreas urbanas mais densamente povoadas do país, marcada pela sobrelotação crónica, pela precariedade habitacional, pelo desemprego endémico e pela ausência de infraestruturas básicas, resultado de décadas de políticas urbanas segregacionistas deliberadas. A secção Cultura, apresentada por Paula Fortunato e Pedro S. Bello, recorda-nos, assim, que a saúde também se constrói através da memória e da imagem, apresentando um brevíssimo apontamento sobre o trabalho documental desenvolvido por Michael Goldblatt a partir da Alexandra Health Centre and University Clinic, testemunhando o impacto das desigualdades estruturais sobre a saúde e as condições de vida das populações e evidenciando o papel da fotografia enquanto instrumento de denúncia, resistência e preservação da memória coletiva da saúde pública, aproximando ciência, história e cultura.

No seu conjunto, os trabalhos aqui publicados ilustram a crescente complexidade da Saúde Global. recursos humanos, governação, inteligência artificial, equidade, direitos humanos, história, cultura e inovação surgem não como áreas independentes, mas como dimensões interdependentes de um mesmo desafio: construir sistemas de saúde mais resilientes, mais justos e mais preparados para responder às necessidades das populações, seja em situação de conflito, períodos de transição ou em tempos de paz.

Num contexto internacional marcado por conflitos e rápidas transformações, torna-se indispensável promover o diálogo entre disciplinas, instituições e países. É esse espírito de interdisciplinaridade e compromisso com a equidade que este número procura afirmar, convidando todos (investigadores, médicos e outros profissionais de saúde, decisores políticos e cidadãos) a refletirem sobre o futuro da saúde enquanto bem público global e expressão maior da dignidade humana.